

## ESPAÇO E SOFRIMENTO – CORPO E REPRESENTAÇÃO

**CENA:** Um café da Rua Júlio Dinis, pelas 18 horas. Uma mesa a um canto, no primeiro andar, com vistas para a rua.

**PERSONAGENS:** Xavier (X), licenciado em Filosofia  
Francisco (F), aluno do 2.º ano de Filosofia

### 1º DIÁLOGO

X - Ainda hoje pensei em ti. Como tens passado? Senta-te, e toma um café... E os teus estudos de Filosofia? Continuas disposto a exercitar-te em tão amplos como áridos saberes?

F - A minha disposição é a mesma de sempre... Gosto imenso! E não considero tais saberes, como dizes, minimamente áridos... Bem pelo contrário. São estimulantes. Ainda agora venho de uma conferência de um filósofo francês sobre o problema do sofrimento...

X - Sobre o sofrimento? É um tema assaz curioso, e importante. E bem comum à humanidade... Quer queiramos quer não, todos nós, de um ou outro modo, ao longo da nossa vida, sofremos. E vemos sofrer. E sabemos dos sofrimentos alheios. É um tema inesgotável... e que toca todos os campos de reflexão.

F - É bem verdade. E a conferência era interessante. 'Sofrimento e Tempo', chamou-lhe ele. Nunca tinha pensado nas relações que existem entre o sofrimento e o Tempo. E fiquei tão entusiasmado que te vim procurar para conversar um pouco.

X - Obrigado... – por pensares em mim para tal tipo de conversa. É sempre um prazer falar destas coisas... embora eu esteja já um pouco desabitado de tais exercícios... Resta-me ir escrevendo um ou outro texto... Mas que tipo de relações?

F - As mais simples que possas imaginar. O sofrimento como consequência do Tempo... e não falo do 'tempo' atmosférico...

X - Dizes-me tu, meu caro, que o sofrimento é resultado do Tempo, o qual, passando, como se diz..., tudo comanda, ou tão só que ele existe no Tempo que tudo envolve, mesmo os acontecimentos mais banais?

F - É curioso que perguntes isso, porque também eu me interroguei várias vezes sobre essa diferença possível... Mas creio que é a primeira hipótese a que devemos considerar. De outro modo nenhuma relação importante se estabelecia. Foi isso que apreendi, ou a conclusão mais óbvia que pude tirar do exposto.

X - Mas porquê o Tempo? Por que não o Espaço? És capaz de me dar algum exemplo para comprovares uma tal teoria?

F - Colocas a mesma questão que um Professor que lá estava colocou, — embora sem ter obtido resposta... Não terá havido oportunidade... Mas, porque querias exemplos, vou citar-te já um caso verídico então apresentado. Eu conto, resumindo: “ Uma senhora ficou fechada num elevador. Nada estava a sofrer fisicamente, porque não se magoou. Mas sofreu imenso pela demora de quem a veio tirar de tão incómoda situação, pelo tempo que esteve retida.” Foi, como vês, um sofrimento; e este decorreu da experiência do Tempo.

X - Gostei de te ouvir. Mas, nesse caso, acho que o Tempo não pode ser considerado como matriz do sofrimento. Diz-me: sofreria ela da mesma maneira se soubesse que vinha gente em seu auxílio, onde estavam aqueles que vinham ajudá-la, a posição onde se encontravam, os esforços que estavam a fazer?

F - Seguramente, não. A menos que fosse claustrofóbica, mas não seria esse o caso...

X - Então, ela não sofria com a demora, mas com o não saber a posição de quem vinha em sua ajuda, ou mesmo se viriam... Porque, se soubesse, o sofrimento desaparecia. E, portanto, a questão, logo nesse caso, não é de Tempo, mas de Espaço.

F - Concedo. Mas mesmo que soubesse tais coisas, a posição e os esforços, não sofreria ela por não saber se a conseguiriam salvar?

X - É um facto. Mas, ainda aí, o seu sofrimento seria em relação ao Espaço: o que estava em causa era ela, o seu corpo, dado básico da sua afirmação de ser em si, necessariamente espacial.

F - Mas ela poderia pensar que o seu Tempo tinha terminado...

X - Por certo. Mas o que significa ‘o seu Tempo’? O que significa, para cada um de nós, a expressão: ‘o meu Tempo’, — ou ‘o nosso Tempo’? Terão tais expressões qualquer sentido fora da afirmação de presencialidade ao Mundo de um corpo que é base e sustentação de cada um de nós, e pelo qual nos afirmamos e definimos? E creio bem, embora não mo tenhas dito, que todos os outros exemplos possíveis que me ias dar andavam à volta desta ligação do corpo a uma consciência do fim, ou da dor física..., ou de recordações desgostantes...

F - Tens razão... Queres dizer, então, que nós somos apenas um corpo?

X - Não confundas o que digo, como muitos têm feito... O que disse é que sem corpo deixamos de ter qualquer possibilidade de presencialidade ao

Mundo, – embora tal presencialidade comporte e decorra também do espírito. Mas o corpo é a sede do espírito de cada um de nós. E é pelo corpo que avalizamos o próprio sofrimento: ele testemunha-o, pelas reacções fisiológicas que nele ocorrem... Podes conceber-te como, apenas, espírito?

F – Enquanto ser vivo, homem, não. Teria de ser, eu mesmo, então, um puro espírito incorpóreo...

X – E, nesse caso, falarias como falas? Pensarias como pensa? Sofrerias...? Estaríamos nós aqui a falar destas questões?

F – Seguramente não estaríamos. E sofreríamos? Não sei... É interessante, mas problemático.

X – Não tenhas receio de o dizer. Tudo é problemático. Mas tu, que estudas Filosofia, como podes falar de sofrimento e de Tempo sem tentar caracterizar um e outro? Achas possível? Achas possível abordar tais questões apenas com casuísticas inumeráveis, onde cada um pode encontrar um novo caso ou um tipo diferente de sofrimento?

F – Por certo não é conveniente.

X – Então, diz-me: de quanto estudaste, qual a tentativa de caracterização de Tempo que mais te satisfaz?

F – A de Aristóteles, há muitos séculos já. Parece-me fundamental. Todas as outras a têm de considerar... Embora, e isto parece-me importante, pense que ele grafa 'tempo' com minúscula. Será esse o Tempo de que falamos, geralmente com maiúscula?

X – Aceito o que dizes, a tua preferência e o resto. É certo que os gregos usavam os vocábulos *cronos* e *aion*, com todas as acepções que hoje ao vocábulo Tempo concedemos, seja o Tempo infinito seja a duração do existente, quase outorgando a este entendimento a implicação de uma força vital. Talvez esteja aqui a matriz das concepções absolutistas e das concepções relacionistas do Tempo: para as primeiras o Tempo é uma realidade completa em si mesmo, e para os segundos é apenas uma relação. Deverão os primeiros grafar Tempo com 'T' maiúsculo e os segundos com 't' minúsculo? Não sei, e parece-me um pouco indiferente... Pela escolha que fizeste, pareces optar pelo segundo entendimento... Mas, voltemos à definição de Aristóteles. O que diz ela? “O tempo é a medida do movimento segundo o anterior/posterior.”, de acordo com as traduções mais seguras. O que significa isto?

F – Que o tempo é medida. E mais: que a medida é do movimento. E ainda: que tal possibilidade de medida decorre da possibilidade de ter um mesmo corpo capaz de ocupar posições diversas no espaço, e de considerar a sua deslocação, e a força que o move para que uma tal mudança seja possível. Mas...

X – Que queres dizer?

F – Que há também quem traduza, e seria esse o primeiro entendimento de tal formulação, que o tempo é “o número do movimento...”

X - Muito bem. Está correcto. E falas com uma ênfase tão grande do tempo que, mesmo possivelmente relacionista, se o grafasses, ao vocábulo, o deverias fazer com um 'T' grande. O Tempo! Aceitemos tal grafia potencial, sempre com maiúscula... Mas que significa esta tradução? Que o 'número' ou é o resultado da medida, ou é anterior ao movimento e determina-o na sua proporcionalidade e desenvolvimento. Neste último caso o 'número' seria quase uma entidade...

F - ... quase geradora, e determinante. Posição quase pitagórica, parece-me... Mas de acordo com o que está escrito dificilmente se coaduna com a última parte da definição...

X - Vejo que és arguto. Só te faço mais uma pergunta, agora. Como verificas as várias posições que o mesmo corpo ocupa no espaço?

F - Pelos sentidos, claro. Pelo menos a um nível elementar...

X - E ainda: pode haver Tempo, medida de movimento, sem haver corpo, ou corpos que, mudando a sua posição, permitam medir o movimento?

F - Acho impossível. Só havendo corpo, ou corpos, e movimento, pode haver Tempo...

X - Aceito-o. Mas agora tenho de inquirir: se o Tempo é aquilo que dizes, será o Tempo instrumento ou critério de medida?

F - Não. É a medida, não o instrumento, ou o critério.

X - E se é a medida, será o movimento?

F - Não.

X - E, então, se não é o movimento, o Tempo será o corpo que se move, ou a força que o move?

F - Também não.

X - Então, se é apenas uma medida, ela mesma decorrente de realidades anteriores e de operações formais, pode ela ser causa de sofrimento? Ou, antes, o que provoca sofrimento, ou o pode provocar, a nós, homens, é aquilo que pode diminuir a nossa capacidade de permanecer agradavelmente na nossa presencialidade ao Mundo, e nele nos expandirmos e nele fruirmos?

F - Acho bem possível ... creio mesmo que é isso que disseste por fim...

X - E mesmo que, por hipótese, o Tempo fosse o 'número' do movimento, anterior a este, determinando-o globalmente, poderia tal movimento, assim determinado, agir diferentemente sobre cada corpo individual, marcando-o com um movimento próprio ou circunstancial?

F - Não me parece de todo em todo crível. Nesse caso o movimento deveria ser único...

X - E o Tempo era um número ou uma força? Ou a força única que comandava tudo eram números? Ou a força de cada número?...

F - Julgo-o impossível...

X - Então, achas possível que seja uma força sempre diferenciada, exterior ou interior a nós, e o movimento que ela determina, e as mudanças assim

possibilitadas, e a própria degradação da matéria que nos constitui, que nos façam sofrer?

F - Não tenho dúvidas...

X - Mas, e mais uma vez: será o Tempo que provoca tudo isto que acabo de dizer, – ou serão condições específicas da própria matéria que determinam estas mudanças, visíveis ou invisíveis, e que nos fazem sofrer?

F - Por certo, e pelo que dizes, são essas condições da matéria...

X - E achas que qualquer porção de matéria, por mais pequena que seja, e por mais animada ou inanimada que seja, pode existir sem ser no Espaço, ou, e em outra formulação, dar-se-nos sem ser no Espaço, e como Espaço?

F - Não. Toda a matéria é do domínio do espacial.

X - Certo.

F - Agora paraste. Tens mais alguma coisa a perguntar? Contigo nunca se sabe... Mas parece que estou a ser levado para caminhos um pouco estranhos... Sempre usei o termo 'Tempo' para caracterizar toda a dimensão daquilo que é, e que tem uma 'duração', e que se organiza segundo as dimensões do 'passado', do 'presente' e do 'futuro', e tu pareces começar a questionar tudo isto.... Aonde vamos parar? Será legítimo questionar assim as noções mais sérias, como a de 'Tempo', e às quais os mais sérios filósofos se tem dedicado?

X - Não te quero perturbar, nem perturbar ninguém. Acho que podes, e deves, continuar a usar a palavra 'Tempo', como eu o farei sempre. O problema é outro; saber se certos empregos do vocábulo Tempo, e do que ele significa, serão usados para cobrirem problemas e dimensões que lhe são alheios, ou só lateralmente o tocam, assim se constituindo como via de ocultação daquilo que mais nos preocupa: a Verdade, – ou só o justo exercício do pensamento.

F - Preocupas-te com cada coisa... Mas, por mim, confio. Estou disposto a continuar...

X - Ainda bem. Então, diz-me: – Como medes o tempo? E o que significa isso de medir o Tempo?

F - Não brinques comigo! Meço-o como toda a gente: com um relógio, mais ou menos sofisticado... Ou com outros instrumentos: ampulhetas, por exemplo... daquelas que existiam nos liceus e que mediam o tempo das provas orais... Há a famosa datação pelo método do carbono 14, usado para medições que remetem para milénios...

X - Muito bem. Mas isso é hoje, e há algo que eu não discuto: é que a consideração de tal acção de medir, e a possibilidade de introduzir as designadas medidas de Tempo no interior do seu processo de desenvolvimento, são possivelmente a maior conquista do Homem. Considerar o que chamamos Tempo terá começado, creio-o..., pela verificação empírica de um fenómeno tão essencial como o aparecer e desaparecer regular do Sol; aquilo que hoje chamamos 'um dia' terá sido a

primeira unidade considerada em tal percurso. Só depois, e em processo de milénios, se chegou às medidas que hoje conhecemos, – e que são, a muitos títulos, convencionais e arbitrárias. Um dia tem vinte e quatro horas, a hora sessenta minutos...

F - Basta. Sei isso há muitos anos...

X - Mas o que é preciso notar é que considerar na unidade 'um dia' divisões múltiplas corresponde também a reconhecer as múltiplas posições que o Sol vai ocupando, o movimento que era suposto animá-lo – enfim: era assim que o caso era visto... –, a força que o animaria, etc.

F - Por certo. Já ouvi mesmo dizer que seria da regularidade deste aparecer e desaparecer do Sol, e do fascínio que a sua luz e calor determinavam, que pode decorrido a consideração de uma teoria como a do 'eterno retorno', enquanto o movimento contínuo, circular, seria o correspondente de um Tempo perfeito...

X - Estás, então, a acompanhar-me... Mesmo que não quisesse ir tão longe, essa hipótese pode-se aceitar. Mas repara que, desde já, estás a transformar a consideração do Tempo em esquemas visuais, e espaciais: o círculo... Avancemos...

F - Como?

X - Para lá desse movimento, de algum modo 'fechado', que a figura do círculo caracteriza, achas que podemos pensar um movimento aberto, linear?

F - Por certo.

X - E esse movimento seria direccionalmente linear, ou seria enrolado, enovelado, andaria para a frente e para trás?

F - Penso que teria de ser unidireccional e linear. É o que, de algum modo, Heraclito diz quando afirma que a mesma água não passará duas vezes sob a mesma ponte...

X - Mais uma vez me acompanhas. Mas agora, continuo: – É, portanto, por aqui, e segundo este esquema, que falas de passado, presente e futuro...

F - Seguramente.

X - E o passado é tudo o que já não é, o futuro tudo o que será... E tu, quando dizes 'eu', estás no passado ou no futuro?

F - Continuas a brincar? Por certo estou no presente!

X - Não brinco, meu caro! O presente, a bem dizer, não existe! Quando proferes: 'eu', – o simples pronunciar deste vocábulo, embora mínimo, instala-te quer no futuro quer no passado... Como sabes, os processos de contagem daquilo a que chamamos 'tempo' tornaram-se abissais. Viste, por acaso, nos jornais, o caso daquele sábio egípcio vivendo nos E.U.A. que mediu e fotografou, por processos que não te sei descrever, alterações moleculares cuja velocidade é tão grande que cada estado fotografado está para um segundo assim como um segundo está para trinta e dois milhões de anos?

F - Como?!...

X - É verdade, – a menos que a notícia seja errada, no que não creio. Agora quando tu dizes ‘eu’ que fracção do segundo levas a dizê-lo? Uma qualquer fracção... Mas entre o início do som e o fim está toda a diferença que se pode estabelecer...

F - Percebo. Mas, então, onde estou EU?

X - É curioso que, mais uma vez, te sirvas de esquemas visuais, logo espacializados. ‘Onde’ estás? Para lá daquele tempo que podes medir com os instrumentos banais de que todos nos servimos, e das informações que o calendário construído nos dá, estás na pura presencialidade ao Mundo, na sua contiguidade essencial, numa continuidade absoluta e não medível por processos mecânicos...

F - Voltas a perturbar-me...

X - O que quero dizer é simples: embora nós, tu e eu, estejamos no interior de um campo cultural em que dizemos ‘medir o tempo’, e toda a nossa vida por tal tipo de medidas se reja, o que estamos é continuamente perante o Mundo, na sua multiplicidade de formas e modos de aparecimento e desaparecimento, – enquanto toda a medida que realizamos é sempre do domínio do formal e do arbitrário...por mais importante que tal medida seja... E o grande problema é que continuemos a poder dizer ‘eu’ estando em mutação contínua e inapreensível...

F - Mas, e voltando sempre ao mesmo..., como designas aquele intervalo imenso que ocorre entre dois acontecimentos distanciados, ou entre duas realidades, uma existente e outra já desaparecida? Não será a esse intervalo impreenchível, mas sentido, que chamo Tempo?

X - Por certo. E por certo também te exprimes com extrema clareza e rigor. Vejo o cuidado com que escolheste as palavras. Mas, mesmo assim, não pudeste evitar uma terminologia espacializadora: ‘distanciado’, ‘intervalo’, ‘impreenchível’,..., – e, depois, terminas com a palavra ‘sentido’... E é curioso que, em português, a palavra ‘sentido’ tem duas acepções. Parece-me que passas facilmente de uma á outra: ‘o que é sentido faz sentido’... ou mesmo: ‘só faz sentido o que é sentido’...

F - Mas os vocábulos que usei servem também às nomeações do Tempo...

X - Seguramente. Mas o que é facto é que só podes ‘sentir’ o Tempo, enquanto ‘afirmas’ o Espaço, ou o que espacializadamente te é dado. Por isso o Tempo é a ‘medida’, e não o que é medido. O que tu medes e designas como Tempo...

F - Percebo, percebo... Já no princípio dizíamos que o Tempo era medida do movimento...

X - Então, achas agora que o Tempo é a medida ou o que é medido? Poderá o Tempo ser as duas coisas ?

F - Não sei. Mas parece-me que o simples facto de designar como Tempo o que é resultante da medida de factores exteriores, manifestando-se espacialmente, implica que eu considere uma realidade ‘outra’,

inquestionável para mim, e sem a consideração da qual eu jamais poderia proceder aos exercícios de medida...

X - Queres dizer: aquilo que se designa por alma... ou alma mesurante...

F - Ou aquilo que a determina... ou impõe... não sei bem...

X - Agora sou eu que te percebo... e muito bem. Mas o que acabas de reconhecer é que possivelmente existe alguma distinção ontológica entre o Espaço e o Tempo... quase como se um e outro fossem os polos objectivo e subjectivo da nossa consciência de sermos no Mundo... embora já Plotino negasse o subjectivismo e falasse, quase objectivamente, ou quase estruturantemente, não sei... de uma *categoria íntima*... quase como depois o fará Kant... E isto, isto tudo, sendo aparentemente simples, não é, na sua hipercomplexidade, nem pacífico nem tranquilizador... Voltamos sempre ao 'absolutismo' ou ao 'relacionismo', ou à tentativa de superar um e outro, ou de os conciliar... à *continuidade real* de que falava S.to Agostinho, e que a alma determinava..., mas, e mais uma vez, não sei... Não sei...

F - Porquê? Mas porquê?...

X - Talvez porque, tendendo nós, pela nossa própria dinâmica subjectiva, para um entendimento particular das coisas, esqueçamos facilmente que essa dinâmica cobre e oculta, ou falseia mesmo, muito daquilo que exorbita do nosso sentir, ou da nossa consciência... Poderão esses dois polos acordarem-se sempre, e aquilo que eu sinto corresponder ao que é, ou ao que foi...?

F - Mas se eu sinto, e tu reconheces que sentes também... não será o sofrimento decorrente deste sentir, sendo por ele que nós sofreremos? E aí voltamos ao Tempo: por aquilo que sentimos...

X - A tua reflexão é pertinente, e quase irrefutável. Mas, mesmo agora, volto a perguntar-te: poderias sentir sem que aquilo que se dá espacialmente existisse, ou se apresentasse como existente, ou se abrisse a uma possível existência, e logo a uma espacialidade, carregada de implicações, - aquelas que uma imaginação activa e fecunda tende a preencher? E haverá imaginação sem imagens, haverá mesmo possibilidade de pensamento sem imagens, por mais nebulosas que sejam? E mesmo quando, aparentemente, e num possível limite, há pensamento sem imagens, as palavras com que pensamos não são, elas mesmas, signos, imagens ainda? E há imagens sem espaço?... E há uma contínua e unívoca correspondência entre cada imagem e aquilo que sentes?

F - Não o creio... Mas, e sobretudo agora, volto a perguntar-me: onde estou EU? E o que é o passado? E o futuro? E a História, enfim, o que é? Pode haver História sem considerarmos um Tempo real, um Tempo em si, para lá de toda a subjectividade? Não achas confuso? Eu, por mim, acho que já fui excessivamente longe... Já não aguento mais!

X - Também o creio. Mas terás tu paciência para continuar a conversa noutro dia, em que estejas menos cansado?

F - Por certo. Estar cansado, e um pouco confuso, não significa que a não ache interessante...

X - Ainda bem. Pode ser amanhã?

F - O.K. Aqui, à mesma hora.

## 2º DIÁLOGO

F - Aqui estou, pronto para continuar a falar do Tempo.

X - Ainda bem. Continuemos então, porque também quero que me ajudes a perceber certas questões complicadas.

F - Eu?

X - Sim, tu. És um interlocutor privilegiado... O que precisas é de praticar, e de tentar levar as coisas até ao fim... Mesmo que no fim nos encontremos sempre com o mais profundo Mistério.

F - Mistério? Essa palavra parece quase abolida no meu curso de Filosofia. A Filosofia só conhece, ou só deve conhecer, o pleno exercício da Razão... De coisas misteriosas nunca se fala: é a Razão que deve resolver tudo...

X - Não te falo de coisas misteriosas; falo-te de Mistério. Aquilo, ou aquela noção, ou talvez mesmo conceito..., a que, penso, quase necessariamente se chega pelo uso radical da Razão... Mas deixemos esse assunto, que seria também interessantíssimo, e voltemos ao ponto em que estávamos ontem. Às interrogações que punhas a propósito de passado e de futuro...

F - É verdade. Podemos nós, depois de tudo o que disseste, falar, por exemplo, de passado ou de futuro? Que sentido tem isso? E falar de História?

X - Vejo que continuas preocupado... Mas, efectivamente, eu nunca te disse que deveríamos abolir certa terminologia; eu mesmo a continuo a usar, - e assim terá de ser... O que te pergunto é: a que chamas passado? Ao Tempo, ou a uma parte do Tempo, assumido como uma entidade autónoma, ou mesmo a um quadro aberto e receptivo, ou a um conjunto de acontecimentos que, tendo sido dados perceptivamente, ou tendo ocorrido a nível subjectivo, desapareceram e só os retens na memória?

F - Parece-me que chamo passado a esta segunda opção que colocas...

X - E àquilo que não retiveste, ou que outros não retiveram, o que é que chamas?

F - Nada. Não chamo nada. Nada sei a seu respeito. Sei que houve coisas que passaram e que, não tendo sido retidas, pela memória ou testemunhalmente, desapareceram. Delas nada sabemos...

X - Mas chamas passado ao - e deixa-me insistir... - aberto incircunscritível onde aquilo que tenha sido, seja lá o que fôr, foi, ou àquilo de que tens notícia, ainda que ténue, de ter sido?...

F - Apetece-me mais chamar passado a esta última hipótese... mas há, houve..., sempre mais coisas do que aquelas que são actualmente conhecidas...

X - Bravo! Então, diz-me: aquilo a que chamas passado é ao conjunto das realidades múltiplas, objectivas ou subjectivas, que, tendo sido, desapareceram?

F - Certo.

X - Mas, então, se assim é, o que aconteceu é que onde deixou de haver Espaço – porque as realidades, objectivas ou subjectivas, são do domínio espacial... – passou a haver Tempo?

F - Que Tempo? O passado? Creio que não... Só se ele sempre lá estivera... ou esteve. Mas, penso agora, se sempre lá esteve também estará, e não creio que possa falar de passado ou de futuro... Isto é uma complicação... E a memória: é Espaço ou Tempo?

X - Mas... mas tu estás cada vez mais perto de compreender aonde eu quero chegar! Insistamos.

F - Estou curioso!

X - Achas que a memória é o do domínio do Tempo, ou, interior ao teu corpo, seja qual for o mecanismo que proximamente a possibilite, ela integra ainda um profundo e complexo esquema de relações espaciais?

F - Não sei.

X - Eu acrescento. Achas que pode haver memória sem imagens, sejam elas de que tipo forem?

F - Não o creio.

X - E achas que podem existir imagens que não sejam espaciais, ou não remetam para uma espacialidade mais ou menos concretamente referenciável?

F - Não. Já vimos isso da primeira vez...

X - Então, se aceitas que a memória se determina segundo imagens, de maior ou menor consistência, achas que é o Tempo que as possibilita ou, ao invés, é uma capacidade energética de fixação que as sustenta enquanto dados disponíveis e pensáveis ?

F - Seguramente, a resposta é a segunda opção...

X - Certo! Pois, se não fosse assim, teríamos de dizer que a memória é do domínio do Tempo, – enquanto o que ela faz é reter imagens, conexões, estruturas,..., de quanto passou, e que possibilitam todos os desenvolvimentos...

F - Mas quando tu dizes: o que ‘passou’ estás a falar de passado...

X - Disse-o propositadamente. Mas estou, apenas, a falar de realidades que deixaram de existir na sua concreta presencialidade ao Mundo. Certo?

F - Claro. Mas o que não percebo é por que, então, não falamos de Tempo...

X - Pela simples razão de que, quando falamos de Tempo, e embora, como te disse, o possamos continuar a fazer... , nós estamos sempre a falar de outra coisa: o modo como as coisas nos aparecem, mudam, se movimentam, etc. É de Espaço, e energia, e movimento, e... que falamos. O resto, é à medida que fazemos dessas mudanças, maiores ou menores, que chamamos Tempo... E há unidades de medida do tempo, como sabes. A primeira delas, como referias ontem, terá sido o dia, – ou apenas a unidade relativa ao aparecimento e desaparecimento solar...

F - Talvez perceba... Mas é desconfortável... Sempre falei do Tempo, e ouvi falar, como algo em si, por mais ambíguo que fosse... E, ainda por cima, sempre ouvi dizer que o Tempo passa...

X - O Tempo passa? Boa piada!... Quanto muito, seríamos nós que passaríamos pelo Tempo...

F - E também, segundo li há dias, um filósofo contemporâneo muito premiado, por Academias e tudo, referindo-se aos sinais do nosso envelhecimento, diz que “o tempo amontoa-se em nós...”. Quer dizer: ‘não passa’ porque...

X - Que vais dizer? Que se passasse desaparecia? Outra boa piada, por certo. E se se amontoa? Será que as pessoas vão rebentar de tempo amontoado? – ou, tão só, que o contínuo dinamismo transformador que nos sustenta e move introduz um desgaste visível ao nível da reprodução celular, conduzindo a processos entrópicos não controláveis? E que, se podemos atribuir tal envelhecimento ao Tempo, melhor fora verificar como tal processo ocorre... e os mecanismos que o determinam ou condicionam...

F - Mas não é o Tempo a própria duração?...

X - Se é, parece ser uma entidade, ou uma dimensão, neutral, indiferente, empiricamente irrelevante...

F - Parece-me sentir em ti alguma hesitação...

X - E parece-te bem. Nada disto é fácil... A própria noção de Tempo tem uma carga cultural tão pesada que não sabemos o que fazer sem ela... Mas se eu chamo Tempo à duração, a duração é o quê? A persistência em si, ou o nome que damos a uma persistência em si, de uma realidade presente ao Mundo, espacializada, medível entre o seu aparecimento e o seu desaparecimento... De novo, uma medida... porque não se pode confundir a medida com a existência que se mede...

F - E a minha duração? Eu, tu, duramos...

X - Alguns anos, algumas dezenas de anos... O nosso prazo de validade – deixa-me chamar-lhe assim.– estatisticamente estabelecido ao fim de milhares de anos... cada ano sendo, ele mesmo, uma medida... a medida da nossa presencialidade... da nossa exposição...

F - Mas, então, se assim é, o Tempo parece não existir... E como podemos, então, e aí volto..., falar de futuro...?

X - A questão é afim da que punhas quando questionavas o passado. Podes tu pensar o futuro, assim como o que existiu anteriormente, sem o representar naquilo, ou através daquilo, ou do ‘poder’ a que chamamos imaginação? Concedes o passado e o futuro sem imagens?

F - Parece-me que não... já o dissemos anteriormente...

X - Então, se ‘passado’ e ‘futuro’ forem realidades temporais elas dão-se, ainda, espacialmente?...

F - A partir do que disseste, parece inevitável... Mas tu falaste em ‘anteriormente’...

X - Mas tu concebes o Tempo como? Como uma sucessão de instantes, ou de pontos, pontos infinitos, numa linearidade infinita, possivelmente sem principio nem fim...

F - Essa coisa do sem principio nem fim assusta-me sempre... é aquilo a que chamamos eternidade...

X - Pois assusta, – como assusta toda a gente... Mas, sobretudo, não a conseguimos perceber. Deixemos, contudo, e para já, tal aspecto. E repara: quando eu disse ‘anteriormente’, tu concebes esta anterioridade temporal, ou espacialmente? Como a concebes? Supõe essa linearidade de que falávamos: o ‘antes’ corresponde a uma porção de segmento linear?

F - É.

X - Então o ‘antes’, sobre um segmento linear, mesmo falando de Tempo, está espacializado?

F - Assim parece. Mas quase que te tomo por um sofista...

X - Deixa os sofistas em paz, que bem importantes foram !... Mas eu não o sou, nem no bom nem no mau sentido que Platão, que, pela técnica, também o era, aos sofistas atribuía... Mas regressando à questão: então, tu não podes pensar o que chamas ‘tempo passado’ sem o conceber linearmente, nem o ‘tempo futuro’ sem o conceberes como uma extensão igualmente linear...?

F - No que a mim diz respeito, é verdade. Não sei se outra pessoa o conseguirá. Se não for assim, passado e futuro são, apenas, duas dimensões abertas e incircunscritíveis... E, tenho de convir, dão-se-me como espaços preenchidos ou a preencher...

X - Gostei da tua resposta; e podes ter a certeza que não estás só. É assim que toda a gente, creio, os concebe...

F - Valha-me, ao menos, isso... Mas, assim, como avançamos?

X - Pergunto-te agora: podes conceber uma imagem, necessariamente espacializada, cabendo num ponto?

F - Seguramente, não.

X - Se calhar foi por isso que Bachelard, cuja obra conheces bem, falou de ‘tempo vertical’... Que te parece?

F - Sempre me intrigou essa passagem, creio que pertencente a *A intuição do instante*...É que, e à luz do que disseste, a própria ‘verticalidade’, é ainda concebível como uma linha, e traduzível por ela, talvez uma definição espacial...uma das suas determinações possíveis...

X - Parece-me que compreendes a questão cada vez melhor. Mas a própria exigência de propôr o ‘tempo vertical’ não te parece um subterfúgio para falar daquilo a que chamamos habitualmente simultaneidade?

F - Não sei se será subterfúgio...Mas a simultaneidade é, ainda, e para usar uma expressão tua, a afirmação de que, num mesmo instante, ocorre um número infidável de mudanças na ‘presencialidade ao Mundo’ nos seres vivos e não vivos de todo o universo...

X - A tua resposta vai ainda mais longe do que esperava. Então, e assim sendo, por aí continuemos. O que não poderemos é conceber, a não ser metaforicamente, que tais acontecimentos infinitos 'caibam' numa linha...ou se disponham segundo ela...Bem pelo contrário, enquanto realidades físicas, eles espalham-se por cada unidade ínfima e inimaginável do Universo, são a própria matéria em movimento, jamais se deixam reduzir a um esquematismo tão pobre... Concordas?

F - Acho que não posso deixar de o fazer...

X - E achas que quando pensas a sucessão ou a simultaneidade, e isto para usar duas palavras que contêm uma forte dimensão refenciável ao Tempo, ou são mesmo uma sua expressão, tu podes pensar essas dimensões segundo uma mesma linha?

F - Não o creio. Se pensar num esquematismo explicativo, a sucessão inscrever-se-á numa linha contínua, numa continuidade de pontos, com uma direccionalidade específica, enquanto a simultaneidade remete para uma linha que como transversal deve ser considerada em relação à primeira, se assim posso dizer...

X - Percebo o que isso significa... embora não tenha a certeza de que tudo possa ser posto desse modo. Mas o que deixa entender é que quando se fala de simultaneidade referimo-nos a presenças ou mudanças específicas, verificadas em espaços e processos diferentes, embora aparentemente no mesmo instante...

F - Claro. É isso.

X - Mas percebes que quando eu digo 'o mesmo instante' esta formulação é, ainda, uma maneira aproximada de exprimir o que continuamente foge...? Lembras-te do que dissemos a respeito do 'presente'...?

F - Não me esqueci... e continuo um pouco perplexo...

X - Bem o percebo! Deves estar como eu! Mas poderei eu falar de simultaneidade tendo em conta quanto sabemos da velocidade dos processos de transformação da matéria e da nossa pobre capacidade de apreender tais mutações?

F - Dificilmente, julgo. Só de forma tosca e sempre para realidades globalmente consideradas... É, sempre, uma muito rude aproximação...

X - Por Deus! Tens imensa razão... e acho que vês bem o problema... Mas ainda aí, quando usas tal vocábulo, a que te referes: ao Tempo, ou a transformações ocorrendo em pontos diversos?

F - A transformações.

X - Então, referir o Tempo é ainda aplicar apenas um esquema de medida, ou referenciar uma possibilidade - mais uma... - da consciência apreender realidades díspares, mas fazê-lo com contiguidade, e tender a integrá-las em si em proximidade irresolúvel...

F - Assim me parece. Mas parece-me, também, que tentas desesperadamente substituir todos os vocábulos que apareçam com uma carga 'temporal' por outros em que a 'espacialidade' domine...

X - Tens alguma razão no que dizes, mas não toda. Se assim procedo, é porque me parece que aquilo de que podemos falar, e que consciencializamos, se nos dá espacializadamente; e a própria possibilidade de organizar tais dados tem de considerar essa realidade básica. Considerar, por exemplo, acontecimentos complexos sem perceber que dizê-los 'simultâneos' é, também aqui, uma expressão aproximativa, ou apenas metafórica, do que é, parece-me embaraçoso...

F - Mas poderemos fugir a estes dilemas? Poderemos deixar de falar de sequências, sucessões, simultaneidades,...?, sem deixar de introduzir, aqui, uma noção de Tempo? É a própria consciência que o exige. Kant falava de 'intuição pura', ou de 'forma a-priori da sensibilidade'... Poderá haver conhecimento sem Tempo? Poderá...

X - Citaste Kant e uma famosa passagem da *Crítica da Razão Pura*. E está certo. Mas não te esqueças que em outras passagens da mesma *Crítica*, e curiosamente, Kant se referia ao Tempo numa acepção mais clássica, ou pelo menos bem diferente. Vê a 'Analítica dos Princípios'... Mas nada disto é muito importante. Creio que as tuas questões são cada vez mais radicais. Eu mesmo, aqui chegado, me sinto um pouco confuso. Mas continuo, se tiveres paciência: é para mim mesmo, e por mim mesmo, que quero pensar, mal ou bem, estas questões. Tu, que as vieste levantar, apenas me ajudas, e exemplarmente me ajudas...

F - Se te posso ajudar... Mas não sei como...

X - Mas voltemos aos problemas. Se falo de sequências, sucessões, etc., etc., eu não ponho em causa uma ordem que eu mesmo estabeleço, ou tão só tenho de reconhecer, nos acontecimentos que considero; e essa possibilidade de construir ou considerar tal ordem, e os modos como se apresenta e dá, corresponde à minha estrutura íntima, constitutiva, irreduzível. Chamá-la-ei Tempo? ou direi que uma tal organização, e ordem, é 'o Tempo'? ou direi, aqui, grafar a palavra Tempo com minúscula, 'tempo', a minha 'intuição pura', contrapondo-a ao Tempo em si, entidade inesgotável e inapreensível, para falar da qual todas as palavras me faltam? Ou, tão só, quando exerço tal possibilidade de pensar a sequencialidade penso as mutações, espacializadas ainda, - e o tempo que digo é, ainda, um simples exercício de medida a que, desde Aristóteles, é preciso voltar...? Mas de onde me vem a necessidade de medir? Voltaremos, também com o grego, a falar da alma como 'entidade mesurante', ou estrutura, ou disposição...? Ou, dito ao nosso modo, 'ter alma é ter capacidade de medir'? Mas será a alma o mesmo que consciência? E poderei eu confundir consciência com Tempo? Será a consciência o Tempo? Poderei confundir o medível com a 'entidade mesurante'? Será o tempo, intuição pura, aquilo que me vai permitir medir o Tempo? Será o Tempo que exige que eu O meça? Será o Tempo o outro nome de Deus? Será...

F - Basta! Basta! Parece que fico doido! Já viste ao que chegaste? A Deus...!

X - Adeus? Queres ir embora? Estás cansado?...

F - Estou cansado mas não disse : 'adeus'. Disse, como tu: 'a Deus', com maiúscula, reverencialmente. Mas tudo isto é abissal, é insolúvel...

X - Por certo o é; por isso é estimulante...

F - Mas aonde queres chegar? A que se deixe de falar de Tempo? A que reconhecamos que a sua invocação é inútil? A...

X - Não quero, nem posso, chegar a tanto. Toda a nossa vida, hoje, se regula pelo Tempo, pelas medidas que fazemos...

F - Isso já percebi. Mas as medidas são sempre de fenómenos espacializados. De mudanças. E se não houvesse mudança, energia, força, movimento, haveria Tempo? Ou tudo estando com aspecto de vazio e definitivamente parado, como em certas pinturas da corrente dita *metafísica*, se dirá que aí o Tempo desapareceu...?

X - É curioso que digas o que disseste. Citaste um movimento artístico significativo. E, então, 'o Tempo, por falta de movimento, desapareceu', ou mesmo 'aí não existe Tempo' ? Curioso? Mais uma vez: já reparaste que apenas o movimento, e a consciência da mudança, te permitem falar de Tempo? Lembras-te do que dissemos ontem, a propósito da necessidade de haver corpos, ou entidades distinguíveis, e mudanças, e consciências reflectindo sobre tais corpos e mudanças, para haver aquilo a que chamamos Tempo?

F - Lembro. Se lembro! Mas por que é que te encarniças tanto a falar do Tempo e não questionas igualmente o Espaço? Parecia-me uma boa ideia...

X - Isso é-me impossível, meu caro! Tudo quanto existe, e se diz ser, é espacializado, apreensível, medível. Resta-nos o espírito, ou o Espírito, com maiúscula, a alma, a consciência, a memória,... Mas, em relação a tais realidades, e vê como eu as aceito sem problemas, se as não espacializo, também jamais direi que são o Tempo. Como o poderiam ser, se por elas, ou por algumas delas, ou pelas faculdades que delas derivam, se medirá o que como Tempo é dito? E não se realizaram já fotografias da memória, ou da zona cerebral que a determina?

F - Já não sei nada. Ainda tens mais coisas para me dizer? Percebo o interesse de todas estas questões, mas, mais uma vez, estou confuso. E cansado. Acho que devíamos parar, pelo menos por hoje. Amanhã posso voltar aqui, e continuar a ouvir-te. Gostaria bastante. E acho que a questão da História, apesar de tudo, continua em aberto...

X - Também estou cansado. Mas, já que estás disponível, amanhã continuaremos.

### 3º DIÁLOGO

F - Como vês, aqui estou. Cheguei, até, mais cedo do que ontem..

X - Pelo que vejo, o teu interesse por estes assuntos tornou-se maior...

F - Podes dizê-lo. Mas estou sobretudo interessado em ver como, e desculpa a expressão..., vais 'descalçar a bota' que tu mesmo fabricaste...

X - Se calhar não o consigo fazer... De qualquer modo, fica o exercício. E, em Filosofia, exercitar-se em tais questões é a única coisa verdadeiramente significativa... Ou julgas tu que saber Filosofia é repetir, sem sequer pensar sobre o seu sentido, alcance e implicações, aquilo que pensadores eméritos como Platão ou Aristóteles, ou Descartes ou Kant, ou Hegel, ou Husserl, ou Heidegger, ou ..., disseram, e muitos outros pensadores menos ilustres leram, e disseram que eles tinham dito, e pensado, e ...

F - Acho, de facto, que o importante é pensar as questões essenciais, assim como esses grandes filósofos, enquanto vivos, fizeram.

X - Pensas bem. Mas é importante, também, reconhecer que te falei de génios... Nós não o somos! Por isso, todo o nosso discurso, a nossa própria reflexão, é muito mais pobre... e tem continuamente de se apoiar neles. Mas resta-nos pensar o seguinte: se as questões sobre as quais se debruçaram permanecem em aberto, isso é sinal de que todo o esforço reflexivo, mesmo o mais profundo, jamais esgota o fundo abissal do que É, e nós temos possibilidade de continuar a pensar quanto já foi pensado, e outros virão a pensar sobre o mesmo...

F - Podes ter a certeza de que não o esqueço... e essa é uma dificuldade extrema que sinto. Poderemos ainda ser originais? Pensar alguma coisa que outros, antes de nós, mais dotados por certo, não tenham pensado? Resolver alguma questão? Repara: logo no princípio da nossa primeira conversa, referi a definição de Tempo proposta por Aristóteles... e ela mantém-se... ou eu mantenho-a.

X - Não te preocupes com isso, até porque essa definição parece permanecer intocável.. O nosso destino é tentar perceber... Deixa alguns, que são geralmente muito orgulhosos ou muito incapazes, ou só muito cansados... afirmarem peremptoriamente o que jamais podem demonstrar, e nesse dogmatismo sentirem-se felizes... Por isso, libertos, avancemos.

F - Vamos.

X - E, então, estavas tu, ontem, a questionar-me, de novo, a propósito da História, e do Tempo que ela expressa, e define, e que também a possibilita.

F - Exacto. Percebeste todas as implicações do que estava em causa na minha perplexidade.

X - Então e assim sendo, pergunto-te: o que é a História? E de que História falas? Da de Portugal? da da Pintura? da da Filosofia?...

F - Por certo, de todas essas; mas, e sobretudo, porque todas as Histórias particulares nela cabem, da História Universal ou, melhor ainda, da História

do próprio Universo. De tudo quanto foi desde que o Universo é Universo...

X - Não pedes pouco! Mas, confesso-te, é a única maneira séria de pôr o problema. Esse é o grande, o talvez único e decisivo problema filosófico: por que há Universo, e como apareceu ele? Como se interrogava Heidegger, e outros antes dele: 'Por que existe alguma coisa em vez do nada'?

F - Estamos quase na questão fundamental da Criação...

X - Exacto. E não achas que a problemática do Tempo para tal remete?

F - Por certo.

X - Então, pergunto-te: quais são as duas atitudes possíveis perante a matéria, o Universo, e tudo quanto existe?

F - Ou que a matéria sempre existiu, e é eterna, ou foi criada por um Criador a partir do nada, Criador a que chamamos Deus... Há ainda uma solução intermédia, a do demiurgo de Platão, organizador da matéria, passando-a do caos ao cosmos...

X - Fixemo-nos nas primeiras. Imagina, primeiro, que a matéria é eterna...

F - É algo que ultrapassa a minha compreensão, podes crer!... Vivemos num Mundo de coisas criadas, e dificilmente concebemos o in-criado... Jamais compreenderei a simples possibilidade de pensar a eternidade...

X - De facto, continuas a não estar só nos teus problemas... Quem poderá pensar o in-criado, a não ser numa dimensão meramente conceptual, ou formal, que a linguagem possibilita? Nós, humanos, precisamos de um acto criador, uma origem... Uma causa e um efeito...

O sempre, o sempre... é um abismo insondável...

F - Bem o sei! Bem o sei! E é por isso que a simples hipótese do *big-bang* não me satisfaz para a resolução deste problema. Que existiria para que esse acontecimento fosse possível? E antes, o que era? E como era? E voltamos ao Tempo...

X - Ou ao Espaço? Ou à energia? Ou à causa incausada? Talvez ao 'motor imóvel'...?

F - Já não sei... mais uma vez fico perplexo...

X - De qualquer maneira é à nossa escala, sempre humana, pobremente humana, que falamos... Quem pode pensar, como disseste, a eternidade? Mas, regressando às duas possibilidades que colocaste, se a matéria é eterna, então estamos sempre no interior de uma espacialidade regrante, com a qual nos confrontamos; e se há Tempo, ele dilui-se na própria matéria, ou é neutral ou indiferente: é que a própria eternidade da matéria faz pensar o Tempo como uma entidade segunda, dependente da primeira...

F - Como...?

X - Obviamente. Se a matéria é eterna, a simples possibilidade de assim a predicar decorre de reconhecer, ou mesmo apenas supôr, algo que lhe pertence, que lhe é intrínseco... Dizer a eternidade da matéria é afirmar a incriada existência em si da própria matéria, qualquer que seja a forma que ela assumisse, ou assuma, ou venha a assumir, ao longo dos seus movimentos e

mudanças... Onde está o Tempo, a não ser na nossa estreita capacidade de medir tais transformações, ou algumas e mais evidentes dessas transformações?

F - Continua... Por mim, estou quase a desistir...

X - Mas havia outra hipótese...

F - A de uma entidade que criasse, ou tivesse criado, a partir do nada... *ex nihilo*... Deus, Ele mesmo eterno...

X - Por certo essa é uma hipótese fascinante, e uma das que o nosso campo cultural, através do Cristianismo, acolheu mais fortemente... Mas, neste caso, a que chamas Tempo? A Deus? É que se é Deus, e não a matéria, que é eterno, então como poderei eu medir Deus, Ele mesmo sem transformação nem mudança? Dirás, como S.to Agostinho: "...os anos de Deus, é a eternidade de Deus; a eternidade, é a própria substância de Deus que nada tem de mutável..."? Mas se Deus criou a matéria, e o movimento mensurável, e a mim com uma 'alma mesurante', o que eu continuo a medir são as alterações que conheço e sinto, ou descubro, por elas procurando perceber o sentido daquilo que é...

F - Material ainda, e do domínio do espacial...creio que vais acrescentar...

X - Claramente. Ou queres que eu diga que Deus é o Tempo, ou que a consciência é o Tempo? E já pensaste no sentido que tem, mesmo no interior das formulações cristãs, uma expressão como: 'no fim dos Tempos'?

F - É preciso pensar no sentido escatológico do Cristianismo... Mas tal só tem sentido se pensar numa origem, no 'princípio do Tempo'...

X - E quando achas que o Tempo começou? Não foi com Deus, porque Deus, se se aceitar a Sua existência, é eterno, logo sem princípio nem fim, mas com a Criação do universo, ou do mundo, como mais vulgarmente se diz... Da matéria. E o fim? O 'fim do Tempo' não corresponderá ao desaparecimento da matéria, ao advento de um estado inapreensível para nós, mas onde as mudanças deixaram de existir...?

F - Quem o sabe? Podes dizer-me alguma coisa acerca disso? Era aquilo que eu mais gostava de saber...

X - Voltas a não ser original...São conjecturas, possibilidades, pensamentos... hipóteses...ou nem isso. Mas o que é facto é que, se se aceitar a Criação, então, com a Criação, terá surgido o Tempo, ou, se não o Tempo, pelo menos a possibilidade de, com o aparecimento do Homem, se medirem mudanças de estado, posição, ...

F - Voltas sempre ao mesmo...

X - Foste tu que, logo no primeiro dia, me citaste Aristóteles e a sua definição de Tempo... Queixas-te agora? Queres pensar o Tempo como algo imóvel e aberto, grande 'recipiente' que tudo engole, ou como algo que passa incessantemente, inesgotável desdobrar de uma força devastadora que tudo consome...?

F - Suponho que não o posso pensar de qualquer um desses modos...

X - Então...

F - Acho, de facto, que me resta pouco para argumentar. E, contudo, não sentimos nós, todos nós, tu e eu, o Tempo? ...

X - Percebo-te muito melhor do que pensas, e estou contigo... Já to disse no primeiro dia. Mas, muitas e muitas vezes, penso: não será o Tempo a grande entidade, ou tão só a grande metáfora, construída sobre a consciência dos nossos corpos finitos? Porque o Tempo é um inapreensível exigido pela própria consciência da nossa limitada espacialidade... ou da nossa excessiva espacialidade...

F - Parece-me, agora, que comesças a delirar...

X - Talvez. Mas repara: se os corpos se deslocam, é porque há por onde se deslocarem, e a isso chamamos Espaço; mas sabemos, também, que dois corpos não podem ocupar, e aqui digo: ao mesmo tempo... o mesmo espaço, – é a lei, ou o princípio, da impenetrabilidade dos corpos. Mas repara ainda: quando digo ‘ao mesmo tempo’ estou apenas a usar uma expressão que mostra, na nossa linguagem, uma impossibilidade real de ordem espacial. Poder-te-ia mostrar isto sem recurso à pobreza da nossa linguagem: uma experiência elementar teria esse mesmo efeito... Já percebes por que pude falar de ‘excessiva espacialidade’...?

F - Mas terias de falar ainda de Tempo.. Porque os dois corpos caberiam, primeiro um, depois o outro...

X - Voltamos à questão da sequencialidade, ou da medida, ou mesmo do Tempo como representável linearmente...

F - Aí tens razão.... mas parece-me que estamos sempre enredados em algo a que não podemos fugir...

X - Talvez a nossa consciência dos relacionamentos causais... Achas que alguém que não tivesse capacidade para estabelecer tais relacionamentos, por muito elementares que sejam, tem capacidade para pensar o Tempo...?

F - Não sei. Um problema desses nunca o coloquei. Seria necessário perguntar a alguém nessas condições... mas alguém que estivesse nessas condições não me saberia, por certo, responder adequadamente...

X - Como parece evidente...seria possivelmente um demente, mas viveria.

F - Mas, então, aonde queres chegar? Continuamos a falar de Tempo e de Espaço, e as questões permanecem...

X - Mas o ponto a que queria chegar é este: se falamos de Espaço e Tempo, e mesmo que seja necessário que continuemos a falar de um e de outro, possivelmente o estatuto ôntico, e ontológico, de um e outro são diversos... como também já o referi anteriormente...

F - Como? Mas, porquê? É que, se assim é, tens de me dizer o que entendes por um e por outro...

X - Esse é o grande desafio...Mas como tu mesmo já me disseste o que entendias por Tempo, citando Aristóteles, só tenho de me preocupar com o Espaço. E é curioso que, ainda há dias, a propósito não sei de quê, dava comigo a ler numa Enciclopédia bem credível, algo que fixei e aqui te digo

tão aproximadamente quanto possível: “Espaço: extensão vazia de três dimensões, que condiciona a posição dos corpos e seus movimentos.” E isto seria, no dizer do autor, o espaço concreto e real. Mas aí se acrescentava ainda que, “em termos filosóficos, Espaço significaria, formalmente, uma propriedade real dos corpos extensos: a extensão concreta a três dimensões”. Eu, pela parte que me toca, deixo de lado a questão das ‘três dimensões’: parece-me demasiadamente escolar, e básico... Quantas dimensões haverá, discerníveis, para lá das poucas com que lidamos habitualmente? Como as designaremos? Por isso, ao Espaço só o posso pensar, por um lado, como: ‘o O onde tudo o que É é, e tudo quanto Foi foi, e tudo quanto vier a Ser será’...; e, por outro lado, como, o concreto medível no interior do O onde tudo o que É é, e o que Foi foi, e o que vier a Ser será’.

E, como vês, esta posição assim posta remete para uma existência em si que o Tempo, enquanto medida, não consegue obter... Dito de outro modo mais radical: haveria Tempo sem que o homem existisse? Mas sei bem que o homem, de algum modo, define-se pela sua própria capacidade de medir... Ou ainda: sem Espaço, não haveria nada que medir, nem haveria homem; sem homem, não haveria Tempo...

F - Como? ... Então não é verdade que o homem pensa a própria origem, e, ao pensá-la, pensa todo o Tempo que lhe era já anterior, e aquele que medeou até hoje?

X - Voltamos sempre ao mesmo...Que significa pensar a origem, e quanto existia antes da origem, e quanto existiu depois...? Será que este ‘antes’ e este ‘depois’ se refere a uma entidade em si: o Tempo, – ou apenas a quanto podemos pensar existindo, espacialmente referenciável? E a própria noção de uma Entidade Criadora, eventual ou realmente existente, Deus, pode ser pensada sem qualquer determinação espacial?

F - Tenho de convir que nos é difícil... Acho que já disse, há pouco, que a mim me era impossível...

X - Podemos, efectivamente, pensá-la...mas, mesmo em tal caso, a mediação que se nos tornou necessária passou pela conjugação das noções de ‘força’ e de ‘homem’, uma e outra a um nível de tal maneira superlativa que qualquer relação directa se torna incontrolável... Eu sei que Deus se diz como Espírito, e como Espírito Criador. Mas será ele mesmo o Tempo em si? Ou é Ele anterior ao próprio Tempo, ou coexiste com o Tempo? Mas estas últimas questões parecem absurdas. De facto, se Deus é Criador, Ele é-o de quanto como espacialmente referenciável existe... e o Tempo dir-se-á decorrer desta possibilidades de existência, ou desta existencialidade reconhecível... Por isso, só me resta perguntar: terá um puro Espírito, em Si mesmo Potência infinita, e Criador, a possibilidade de Ser sem Espaço mas para Si existindo no Tempo? Mas logo: este ‘no Tempo’ não deverá ser dito, antes, e também, ‘sem Tempo’? Tempo que, efectivamente, só decorrerá, mesmo neste caso, de uma espacialidade gerada ...?

F - Basta! Basta! Não achas que estás a exagerar?

X - Aqui concordo contigo: exagero. De facto, como podemos pensar Deus, senão pensando aquelas figuras que como Profetas, ou mesmo como Filho de Deus, viveram entre nós? Resta-nos a Fé, e essa nada nos diz a respeito de questões como estas que aqui abordamos. No interior do próprio exercício filosófico, discutir Deus, ou tentar prová-lo, é uma tarefa insustentável, como sabes. Kant, talvez melhor que qualquer outro, viu-o bem; mas para ele, e também como sabes, Deus reaparecia como postulado da razão prática, assim assegurando um sistema de equilíbrios a que o pensador alemão jamais quis, ou pôde, fugir. Mas tudo isto, aqui, é um pouco inútil...

F - Eu sei, ou suponho que sei...Mas ainda: então, por que razão se fala sempre, mesmo a propósito do mito, em 'tempo primordial'? O que aconteceu nesse 'tempo' torna-se regrante...

X - E, de novo, te encontras com o Espaço... Pois o que designas, e eu tantas vezes designei também, e vou continuar a designar..., por 'tempo primordial' não é o Tempo, ou um Tempo, em si, mas uma série de acontecimentos incircunscritíveis, ocorrendo num Espaço e num estádio tão ambíguos como imagetivamente ricos, e dos quais é suposto devir quanto o Mundo, e o homem, é capaz de acolher?... E esses 'mitos' não arrancam, eles mesmos, da experiência espacializada do homem, na sua vivência mais radical?

F - Parece-me razoável pensá-lo...

X - Então, terás de convir que o que chamamos 'tempo primordial' não é mais que um modo específico de nomear a Criação, ou a animação da matéria, ou somente, perante insanável dificuldade, a maneira como o homem cerra o seu próprio espaço de reflexão, e o torna, de algum modo, habitável...

F - Habitável...?

X - Exacto. Foi o que eu disse. Pois crês tu que o homem viverá facilmente, com a sua estrutura intelectual, fugindo ao princípio da causalidade...? É que, em nós, e para nós, exigimos sempre que tudo tenha uma origem e um termo, única forma de se nos tornar inteligível aquilo que consideramos... E tornar algo inteligível é a nossa forma de o tornar, e tornar o Mundo, habitável. Intelectualmente habitável. A eternidade, como dizias ontem, e há pouco repetias, é difícil de aceitar, ou não cabe nos nossos esquemas de experiência existencial. Pensamo-la apenas como um limite, numa sequencialidade geralmente linear. Mas disso já falámos também. E, por isso, só posso pensar que cada fracção infinitesimal da nossa presencialidade ao Mundo é tão 'primordial' como qualquer 'tempo primordial', isto é, só a espacialidade se dá como envolvente...

F - Estás quase a dizer que frente a uma 'eternidade' qualquer modo e momento daquilo a que chamas 'presencialidade ao Mundo' é idêntico, ou afim?

X - Foste muito mais longe do que eu quero, e posso, ir. Direi apenas que, frente à eternidade pensável, e numa suposta e obsessiva linearidade, todos

os actos, se considerados como imaginários e impossíveis pontos, me surgem como pontos eles mesmos infinitamente distantes do princípio e do fim, – porque princípio e fim são apenas inexistentes, ainda, e erradamente, pensáveis; e que, por outro lado, cada um deles me parece que se inscreve na própria eternidade, pertence à eternidade, não é susceptível de separação... talvez mesmo de medição, senão a partir de um referencial arbitrariamente dado...

F - É estranho o que dizes... mas acho que entendo o sentido do que propões...

X - Ainda bem. Eu próprio digo isto a medo...

F - E esse referencial seria a Criação....?

X - Possivelmente...

F - Ou o aparecimento do homem no Universo, ou na Terra...?

X - Outro referencial mais adequado às nossas possibilidades...

F - Ou cada rotação da Terra em volta do Sol....?

X - Outro, ainda, muito mais directo e elementar... Como vimos, e todos nós utilizamos...

F - E a História... enfim? Foi por aqui que começámos...

X - Uma construção articulada, regida ainda pelo princípio da causalidade, de imagens respeitantes aos factos mais significativos e exemplares da acção do homem na Terra...

F - Só?

X - Talvez isto diga tudo... Não sei...

F - E disseste: de imagens. Por que não dos próprios factos?

X - Achas que tens os factos? Ou tens, e articulas, apenas restos, rastros, sinais, indícios, ..., do que foi? O famoso '*Ceci n'est pas une pipe*', de Magritte, não se aplica apenas à representação pictórica... E aquilo a que chamamos História, mesmo na sua aparentemente mais densa sequencialidade, não é mais do que um conjunto de *flashes*, de imagens captadas como suportes ou de específicas 'presencialidades ao Mundo', como um retrato individual ou colectivo, um acto isolado, ... , ou de uma procura de sentido para o que se entenda ser um devir comum e internamente estruturado... Mas isto levávanos a outras questões e problemas...

F - E sempre, e sempre, ao que os tempos dos próprios verbos impõem: o passado, o presente, o futuro... Caímos, sempre, numa circularidade...

X - Os 'tempos'... Mas disso já falámos também. Talvez aqui estejamos, como dizes, e como em muitos outros assuntos, a cair numa circularidade desgastante... Mas já reparaste que o círculo é, ainda, a figura emblemática e universal da Totalidade? E que, ao representá-la, ou pensá-la, e à circunferência que o define, nós nos encontramos rente a ela, ou frente a ela, ou com ela, e cada um dos seus pontos nos é presente, indissociável dos restantes, igual? E que pensamos quer a linha, quer a superfície..., e uma pela outra?... O Tempo... o Tempo...

F - Pelo que vejo, tu mesmo estás obsecado pelo problema insolúvel...

X - Ou pelo nome; ou por tudo quanto, através dele, se quer dizer...

F - Concordo. Mas, então, se assim é, por que havemos nós de questionar tal entidade, ou vocábulo, e inventar mais questões, ou falsas questões...?

X - Pela única razão que considero decente: porque, se pretendemos algum rigor no discurso filosófico, não devemos fugir a estas interrogações; e, sobretudo, não podemos cobrir com a designação genérica de Tempo tudo quanto decorre de razões outras que não as que uma entidade abstracta ou incircunscrevível supostamente determina... Não se trata de afastar esta terminologia, mas tão só de a esclarecer até aos limites do possível...

F - E esses limites são...

X - Não sei. Talvez aqueles que o nosso espírito consentir... A nossa 'alma mesurante'...

F - Parecer-me-ia melhor chamar-lhe 'alma explicativa'... Ou 'alma apreensiva'... nos dois sentidos que este vocábulo 'apreensivo' comporta? A capacidade de medir seria uma das suas dimensões...

X - Também me parece, e estou de acordo contigo. Obrigado por esta achega.

F - E então, agora, quando volto a falar contigo?

X - Quando quiseres. Estou sempre por aqui, e encontras-me facilmente. O sofrimento maior será teu...

F - O sofrimento?

X - Sim. O sofrimento. Lembras-te que foi por esse problema que começámos? O sofrimento e o Tempo...

F - Efectivamente... Mas depois do que dissemos...

X - Não faço mais comentários. Obrigado pela tua presença, e pela tua atenção. Creio que és, de facto, uma pessoa inteligente.

#### 4º DIÁLOGO

X - Vieste, de novo, procurar-me? Pelo que vejo este tipo de conversas interessa-te. E mais uma vez te agradeço. O café, sem uma conversa destas, é um espaço um pouco aborrecido. Acolhedor, mas aborrecido...

F - Vim, de facto, ver-te. Parece que me é impossível fugir aos problemas, e a pensá-los. E tu colocas algumas questões desesperadoras...

X - Só se fôr por serem radicais...

F - É evidente. Mas imagina: fui para casa e continuei a pensar na questão do sofrimento e do Tempo. E aquilo que me atravessou continuamente o espírito foi o facto de teres dito que Espaço e Tempo podiam ser os dois polos de uma mesma realidade, da nossa particular maneira de estar no Mundo...o polo objectivo e o subjectivo...

X - Disse-o, de facto...

F - ...e eu pensei: então, se o sofrimento é do domínio do subjectivo, nada espanta que possa ser o Tempo o 'aquilo' que o determina, e não o Espaço, ou quanto como espacializado se dá... E, por isso também, sofreremos com muita coisa que passou, ou que já não tem existência efectiva... ou até com a antevisão do que possa vir a ser...

X - Essa é, quero-o crer, uma reflexão decisiva. Mas, mesmo assim, não sei se pode pôr em causa aquilo sobre que reflectíamos. Lembras-te, também, de eu te ter dito que 'sentir' o sofrimento, ou mesmo a disposição para o sentir, na sua complexidade e ambiguidade, na dificuldade imensa da sua descrição, podia ocultar aspectos essenciais, ou mesmo falseá-los? Ou tender a reduzi-los a uma designação comum, e inexacta?

F - Lembro. É um pouco como ir ao médico e ele perguntar-me: "Como se sente?" Ou mesmo, e somente: "O que sente?" A partir de uma ou duas informações genéricas pouco mais podemos dizer... Ou, então, atribuímos tudo a qualquer coisa que nada tem a ver com o assunto...

X - Não há dúvida que tens razão... Então, pergunto-te: se tu sofres - e peço-te que esqueças agora todo o sofrimento que decorra de uma dor localizada: por exemplo, uma dor de dentes... - sofres com alguma coisa da qual não possas ter qualquer espécie de representação?

F - Não o creio possível. Há sempre, pelo menos nos momentos iniciais, uma imagem, ou constelação de imagens perturbadoras, ou desagradáveis, ou mesmo ameaçadoras...

X - Quer dizer: o sofrimento vem de teres presente uma imagem possível, e possivelmente desagradável ou degradante, de um possível que imaginariamente vês, ou pre-vês..., embora com maior ou menor possibilidade de ocorrência...

F - Está certo.

X - E achas que o verbo 'ver' é, aqui, imprópria ou abusivamente usado?

F - Não me parece. É o que efectivamente sucede. Eu mesmo digo muitas vezes: 'Não gostava de me ver naquela situação...', ou 'Que faria se visse em tal ou tal situação...?', etc. É, de facto, sempre o verbo 'ver' que corresponde à caracterização de um tal processo... Tenho de o imaginar, de o ver...mesmo mentalmente...e embora incerto...e desfocado...

X - Exacto. E agora, o caso limite: o próprio sofrimento que a dor física provoca, será ligável ao Tempo, ou ao Espaço? Serás capaz de me dizer?

F - Assim, aparentemente, deve ser ao Tempo. Se a dor passar rapidamente, o sofrimento é menor do que se ela permanecer...

X - Mas, enquanto te dói, tu tens consciência do Tempo, ou somente de que 'a dor dói', e por aí te cerras sobre ti mesmo sem cuidares de saber há quantas horas, ou minutos, ou mesmo dias te dói? Porque, se 'a dor dói', dói-te na evidência de um presente que é a tua consciência de ti a ti, de uma dolorosidade sem imagem, apenas dor...

F - É certo, também, e é curioso: a dor não comporta qualquer imagem... só o sofrimento a traz. E o sofrimento é, sobretudo, a imagem de ver-me

dolorido, a incapacidade de uma fruição das imagens envolventes, do Mundo... Quase me parece que a dor tem, apenas, uma dimensão negativa: a impossibilidade de estar bem no Mundo, de o fruir, o facto de me fechar sobre mim, ou sobre ela, a dor... De algum modo, apetecia-me dizer assim: a dor é 'sem Tempo', e fecha-nos o Espaço... Mas não sei...não sei...

X - A tua análise parece-me justa. Mas é sempre muito difícil falar sobre isto... Percebo as tuas hesitações. Em termos analíticos é sempre necessário distinguir a 'dor' do 'sofrimento'. De qualquer modo, a dor surge-te pela dimensão temporal ou por alterações espaciais, interiores ao teu corpo?

F - Claramente, por alterações do domínio do corpo, do físico... Do que consideras espacial...

X - E o sofrimento? Achas que é possível ver o sofrimento do mesmo modo que a dor? Não achas que pode haver sofrimento mesmo sem dor? E que, por exemplo, certos doentes a quem são ministrados analgésicos para lhe diminuírem a dor, nos momentos em que estão sem dores sofrem pela sua situação, pela imagem que de si têm, pelo pensamento do modo por que os outros os vêem, por...

F - Basta! Basta! Tudo isso é verdade. E penoso.

X - E volto ao que te perguntei em outros dias: pode haver imagens sem uma consideração de espaços, e do Espaço por que se dão?

F - Não. Já o vimos. Mas há imagens que passam rapidamente e outras que se tornam obsessivas. Duram muito...

X - Duram... E, por aí, voltamos ao problema do Tempo... como Husserl, nas suas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, assinala justamente. E a esse nível não há que rebater... Mas quando dizemos que 'duram' – muito ou pouco, agora não interessa julgar –, o que estamos a dizer é que algumas têm uma capacidade de serem presentes, isto é: evidentes, – e marcantes, de um modo que outras não possuem... Isto é, de novo: que estão perante nós, ou no interior de nós mesmos..., com uma evidência incontornável, e uma força que as impõe...

F - É um facto...

X - E também já vimos que aquilo a que chamo 'duração' decorre da verificação elementar de uma existência e é uma reflexão posterior ao encontro com aquilo que é dito 'durar' ; e, ainda, que é uma reflexão alicerçada numa medida...que o próprio corpo avaliza... ou a 'alma mesurante'...porque a sente...

F - Assim terá de ser.

X - Então, se assim é, eu quase poderia dizer, se é que não o disse já,..., que 'durar' é ter consciência da presencialidade de mim a mim, e de mim aos outros, ou de qualquer outro a mim ou a quem, como eu, da sua presencialidade possa dar conta... E a medida da 'duração' é a medida de uma presencialidade, própria e real, ou representada, ou mesmo representável, – é sempre, caso não seja a consciência de uma dor... a de uma imagem...

F - Ou uma lembrança...

X - Mas pode haver lembrança sem imagem, uma lembrança apenas de um nome? Um sinal vazio, impreenchível, um nome sem referência?...

F - Mais uma vez: postas assim as coisas, não o creio. Mesmo que as imagens se tornem quase imperceptíveis, pela sua fugacidade...

X - Dizes bem. Mas a maior ou menor fugacidade, que nós eventualmente medimos, e expressamos dizendo: 'durou tanto tempo', traduz uma impregnação do espírito, ou do cérebro e da consciência, por algo que o ocupa e que é, verdadeiramente, o essencial em todo este percurso... E que, muitas vezes, permanece num registo bem diferente daquele que poderíamos esperar...

F - Como?

X - Quando, por exemplo, a um encontro gerador de uma reacção específica, sucede a permanência de um 'estado de espírito' particular, mas cuja tonalidade decorre do encontro inicial e da reacção então havida... E este 'estado de espírito' pode, até, esquecer o que o suscitou, constituir-se como uma disposição... um humor... uma tonalidade afectiva... aquilo a que os alemães - e sejamos um pouco eruditos, embora portuenses... - chamam *Stimmung*...

F - Conheço a palavra, e o que ela significa. Mas já que a usaste, achas que toda a 'disposição' - e para voltar à nossa língua, uma vez que o vocábulo comporta tradução... - é preenchida por imagens, ou que radica nelas? E é ela que gera, suscita, ou corresponde ao sofrimento? Quer ela, quer, antes, o seu polo negativo: a 'má' disposição, a *Verstimmung*?...

X - Boa pergunta! Boas perguntas! E não te sei responder completamente... Mas parece-me que não existe 'disposição', boa ou má, sem que encontros sucessivos ocorram e deles derivem, ou por eles se constituam, tonalidades afectivas marcantes, - tonalidades que a própria constituição genética, aliada à estruturação cultural do sujeito, determinará. E esses encontros sucessivos implicam contínuas imagens e suas 'escorrências'... elas mesmas geradoras de estados de espírito bem conhecidos: medo, angústia,... Conheces as distinções que Heidegger, por exemplo, e além de muitos outros.... faz destes dois estados?... Mas parece-me que encontramos aqui os pontos nucleares do que como sofrimento podemos dizer; e um e outro comportam, mais nítida ou nebulosamente, representações, imagens, construções imaginárias...

F - Percebo ao que queres chegar... Mas a indecisão persiste...

X - E persistirá. Mas parece-me que, se falamos de sofrimento, é ainda, e sempre, pelo corpo, pelas suas mudanças e pela sua sensibilidade, que o avalizamos, ou prevemos... E este pre-ver é, curiosamente, um sentimento que só o presente comporta, naquilo que como 'presente' pode ser dito...

F - Talvez... E estou agora a pensar no que dizia o Poeta: "O Tempo é composto de mudanças." É uma frase curiosa..

X - ... e filosoficamente fundamental, podias acrescentar. Mas, quando ele o diz, que pretende dizer, – ou, pelo menos, o que podemos deprender daí?

F - Não sei bem... Mas creio poder dizer que 'sem mudanças' não há Tempo. Ou ainda: que aquilo que designamos como Tempo resulta do conjunto de mudanças que detectamos nos inúmeros corpos percepcionáveis, qualquer que seja a sua dimensão, estado, ou posição. Ou, talvez melhor: que Tempo é o nome que damos à nossa consciência do aparecimento, transformação e, mesmo, desaparecimento, ou morte, dos inúmeros corpos, ou dos quase infinitos corpos..., que nós, e tantos outros como nós, percepcionaram ao longo dos séculos... E, repara, já estou de novo a falar em 'séculos'... O Tempo, assim, decorre da nossa consciência da sequência... e da con-sequência....

X - O que não pode ser evitado, uma vez que a medida se instalou, e é necessária à nossa mais profunda organização social e, mesmo, mental. Falar de 'sucessão', 'antes' e 'depois', etc., etc., é inevitável. Como dizer 'sempre' é, também, uma quase necessidade intelectual... Mas será o Tempo, em si, a série das representações? Ora o problema é, como já te disse, que o essencial é não a medida mas o acontecer, – e tu bem o acentuavas no modo como interpretavas o verso do Poeta...

F - É curioso teres referido essa palavra: 'sempre'. Na conferência que te citei, no primeiro dia, o conferencista dava um outro exemplo onde tal vocábulo era nuclear. A história era a seguinte, e por sinal comovente e triste. Mais uma vez resumo: "Uma criança, sofrendo de doença incurável, e talvez já pressentindo o seu fim, dava a uma enfermeira que muito estimava uma pequena pulseira que trazia no pulso e tinha o seu nome gravado; e, paralelamente a esta dádiva, pedia-lhe que quando ele já não fosse vivo falasse de si a toda a gente, contasse a sua história e como ele tinha sido. Para sempre, para sempre". Estás a ver? O tempo, agora levado ao extremo...

X - É, de facto, uma história triste, sobretudo pela consciência que a própria criança tem do seu próximo fim. Mas, repara: o que acabas de contar remete para quanto te disse, também, logo no primeiro dia. De facto, o que a criança pretende, quase desesperadamente, é a sua sobrevivência: se não concreta, física, talvez reconhecida como impossível, pelo menos imaginária; o que ele pretende é que, pelo contar da sua história, permaneça de si uma espacialidade, fictícia embora, que uma imagem subsista, que ela continue presente ao Mundo e à consciência dos outros, – que esses, se possível, o vejam tal como ele queria continuar a ser visto, tocado, sentido. Para sempre? Por certo; isto é: sem qualquer quebra de presencialidade, numa relação ao Mundo que pudesse apreender e manter todas as ligações sensíveis que cada vida comporta. Manter o seu espaço... Porque estar vivo é isso: estar entrelaçado com o Mundo, e cada vida é o conjunto de sensações, estímulos, imagens, ..., agradáveis ou desagradáveis, possibilitadoras de bem-estar ou de mal-estar, de prazer ou de desprazer, que o nosso corpo

consente, e sente, e a nossa consciência, íntima ao próprio corpo, integra e articula. Diria mesmo: a expressão 'para sempre' é a mais desesperada afirmação de uma situação espacialmente ameaçada que se pode formular...

F - É, também, o nome de um livro de Vergílio Ferreira...

X - Claro. E não deixa de ser, também, significativo... Mas, independentemente de tal escrito que, devo confessar-te, ainda não li..., o que importa é que a própria atitude da criança corresponde, num registo obviamente diferente, ao dos próprios artistas que, para lá de outros aspectos que a produção comporta, tendem a assegurar a sua sobrevivência pela sua Obra, ou a daqueles que, mais radicalmente ainda, deixam a sua Biografia, ou a fazem escrever, ou redigem Diários, ou mesmo 'livros de memórias'... O desaparecimento físico é compensado por uma outra dimensão, física ainda: a de quanto pode sobreviver pela imagem, pela reconstituição alheia, por uma presença de outro tipo, mas que, a nível humano, comporta uma dimensão de acrescida subsistência. E já que citaste o Poeta, conheces, também estes outros versos: "Aqueles que por obras valorosas/se vão da lei da morte libertando."?... O que é isto senão o assegurar uma persistência de imagem, uma ilusão, - mas uma ilusão significativa, pelo sonho de espacialidade persistente que implica?

F - Quer dizer: quando eu falo de Tempo tu falas de Espaço.... Mas já te ouvi falar muitas vezes de Tempo, e mesmo da Temporalidade humana... ainda há semanas, numa conferência que fizeste... Em que ficamos, afinal?..

X - É evidente que continuo, como te disse, a falar de Tempo, e de Temporalidade. É, como também te disse, culturalmente inevitável.. Mas, o que também acentuei, e toma-o como quiseres..., é que tais vocábulos cobrem o conjunto de entes, sucessos, factos, mudanças, movimentos, aspectos,...., etc., etc., que espacialmente se dão. A própria Temporalidade humana, ou o que assim se designa, penso que não é mais que a consciência, espontânea e culturalizada, e tão espontaneamente cultural que se torna culturalizadamente espontânea, do nosso entrelaçamento espacial com o Mundo, e dos acontecimentos e imagens que retivemos e internamente organizamos, e que resistem ou estão em deslocação contínua, e que nos marcam e definem. Mas não digo mais...Por isso, eu te falava do Tempo como dimensão subjectiva, como, talvez, pura construção do espírito. Como resumo, ou síntese, do que não é assim designado. Como alibi, por vezes... É que a minha preocupação não é assumir uma qualquer atitude pirrónica; mas, e muito simplesmente, procurar mostrar que o que determina o sofrimento, ou o define, ou o entrelaça, ou... não é o Tempo, em si, mas tudo aquilo que sob essa , parece-me que abusiva..., designação, se refere. Consciência, consciência! E corpo! E representação! E movimento!... Movimento? Mas, reparo agora, estou cansado! Já não tenho a tua idade: o número de encontros, e de acções, e de imagens, e de reacções que já tive no meu estar no Mundo, e estar com o Mundo, é muito superior às que tu já

tiveste; o meu desgaste é, portanto, muito maior que o teu! Mas tu vais ter, ainda, em termos estatísticos, e tanto quanto se pode pensar, muitos mais encontros, e imagens, e...,do que aqueles que eu ainda poderei ter... Como vês é uma questão de quantidade, de número... e da sua representação...

F - Os números regem o Mundo, diziam os pitagóricos...

X - ...talvez num bem diferente sentido, – ou num sentido que só indirectamente se pode reduzir ao que aqui tocamos. Mas gostei dessa!... E de ter estado contigo. Tomas outro café?

F - Antes uma água tónica. O corpo não aguenta tudo.

*Diogo Alcoforado*

